



**JESU-CHRISTO ACOLHENDO AS CRIANÇAS.**

AUXILIAR os fracos e desvalidos, attender aos innocentes e humildes é uma das mais ponderosas obrigações dos opulentos e poderosos: nos diversos modos por que se póde exercitar a caridade incumbe a

todos este dever; é porem restrictissimo para aquelles que ou possuem sciencia, ou riquezas, ou logares e encargos de alta monta, porquanto quem é senhor de quaesquer destes cabedaes hade dispender

uma parte com os ignorantes e os necessitados. Não careça o proximo do mantimento da alma e do corpo, se em nossas mãos estiver ministrar-lh'o. Repetidos são os exemplos da pratica de tão sublime preceito na vida do Salvador, que é o typo por onde a humanidade christã deve regular suas acções. Abri portanto o Evangelho escripto por S. Lucas, e lede o seguinte no cap. 13.<sup>o</sup>: [daremos a traducção do P.<sup>o</sup> Pereira].

✽ 15. — E algumas pessoas lhe traziam tambem os seus meninos para elle os tocar. O que vendo os discipulos repelliam-nos com palavras desabridas.

✽ 16. — Porem Jesus, chamando a si os meninos, disse: Deixai vir a mim os meninos e não lh'o embaraceis; porque dos taes é o reino de Deus.

Em bem poucas palavras está cifrada uma vehemente reprehensão contra os homens asperos de condição, que repellem os humildes desprovidos de patrocinio. Attentem os grandes da terra por esta circumstancia, e previnam que os seus domesticos e subalternos não arredem da sua presença os pobres e mesquinhos, que vem expor suas pertençaes ou demandar remedio a seus males.

Esta interessante scena evangelica aproveitou o notavel pintor anglo-americano, Benjamin West, para traçar um dos seus estimados paineis, que em esboço damos na gravura precedente. — Remataremos este artigo com algumas noticias biographicas, que nos parecem curiosas, dos primeiros annos do auctor do quadro. — A familia de West, nobre de origem, e oriunda d'Inglaterra, tinha-se estabelecido em o norte da America, pelo que nasceu elle em Philadelphia aos 10 de Outubro de 1738. Quando qualquer individuo nasce com particular disposição e talento para alguma profissão ou estudo, logo de ordinario no começo da vida brotam certas erupções e manifestações naturaes e espontaneas, que denunciam aquella especial vocação. A primeira occasião em que se descobriram as habilidades de West, foi quando a sua familia sahiu a visitas, e o deixou encarregado de sacudir as moscas com um espaneador a uma irmã que ainda ficava de berço. Contava elle sete annos; a creança adormeceu; e como um rapaz, a não fazer disturbios, n'alguma cousa se hade entreter, principalmente vendo-se á solta, West procurou papel, penna e tinta, e traçou o retrato da irmã pequenina. Occupado estava no retoque, ao chegarem seus pais, e por mais que diligenciasse occultar sua feitura, forçoso lhe foi mostra-la; á primeira inspecção a mãe reconheceu no desenho a sua filha mais nova; e a propensão do menino para a pintura ficou qualificada, ainda que pouca attenção fosse dada nesse tempo a um talento tão precoce. Aconteceu dahi a pouco virem a Springfield, logar da Pennsylvania, onde West residia, alguns indios da tribu que os inglezes denominavam *cherokee*; era gente industriosa, e em sua rudeza peritos na arte de fazer tintas e preparar brilhantes coloridos, como vemos que fazem alguns povos selvagens, carecidos d'instrucção, guiados por suas particulares receitas, que ás nações cultas tem custado mais a adquirir que o territorio occupado por essas tribus. Ensinaram os indios a West alguns de seus methodos, porque ficaram muito agradados dos esboços e imitações de passaros, flores e fructos, que o pequeno apresentava. Taes foram os primeiros rudimentos da arte de pintura, que aprendeu este homem, depois celebre. Conhecedor de seus talentos, um commerciante da cidade de Philadelphia, Mr. Pennigton, lhe mandou uma caixa com tintas, pinceis, e algumas estampas: thesouro inapreciavel foi esta aquisição para quem se via privado dos

meios de cultivar a sua arte valida: novo estimulo foi para o adiantamento; e com tão fracos principios se encetou uma carreira de artista tão notavel. — Descuidava-se Benjamin de outros exercicios, e uma vez que sua mãe por isso intentava reprehende-lo, suspendeu a materna correcção á vista de dois desenhos que o filho lhe apresentára, e não pôde conter-se que o não beijasse ternamente: contava depois Benjamin que esse mavioso osculo o decidira completamente á sua vocação de ser pintor, e que fôra a mais grata recompensa que em sua vida recebera. — Factos ha mui interessantes na vida deste homem; mas como teremos de apresentar mais alguns transumptos de suas obras, para essa occasião os reservâmos.

#### UMA OBRA INEDITA DE D. JOÃO DE CASTRO.

D. João de Castro, varão preclaro por virtudes, sciencia e valor, foi companheiro nos estudos do infante D. Luiz filho d'elrei D. Manuel; e tendo por mestre o afamado Pedro Nunes, tanto se avantajou nas mathematicas puras e applicadas que adquiriu não vulgares conhecimentos em astronomia e navegação, do que são provas os roteiros que de suas viagens compoz, e que oxalá que estivessem todos publicados, como o está o do mar-rôxo, do qual demos extractos a pag. 362 e 381 do vol. 3.<sup>o</sup> — O roteiro da viagem de Gôa á barra de Diu existe na bibliotheca publica do Porto; devemos a noticia delle e as passagens que publicâmos hoje ao Sr. Diogo Kopke, dessa cidade: e consta-nos que ha na provincia do Minho quem possua, igualmente inédito e do mesmo auctor, o roteiro da viagem de Lisboa até Gôa. Seria por certo uma aquisição preciosa para a republica litteraria, e mais um quilate de gloria para aquelle abalisado heroe portuguez, a vulgarisação desses interessantes manuscriptos.

Começa a copia do roteiro de Gôa a Diu pela dedicatoria seguinte: (\*)

— «Ao serenissimo e invictissimo principe o infante D. Luiz.

Como eu muitas vezes cuidasse em que modo poderia servir V. A. nesta arte de cosmographia, em que ao presente ando emborilhado, tendo sabido que por invensões de novos instrumentos não se podia já achar cousa alguma que em presença de V. A. parecesse nova; e assim vendo o pouco proveito que se tira dos argumentos satisfôrjados contra os tristes pilotos e marinheiros, me fiz n'outra volta, e propuz em minha vontade de occupar o pensamento em partes de que os imperitos navegantes podessem tirar algum fructo; e como quer que a todos seja notorio que o ponto principal da navegação e cosmographia jaz em saber as alturas das cidades, distancia dos logares, entradas de barras, derrotas de promontorios, mostras e conhecimento das terras, que ordem e concerto tenham entre si as marés, e com isto termos verdadeira informação do variar das agulhas; parece-me cousa justa e necessaria escrever nesta parte, porque como ella seja a mais baixa e esquecida das mathematicas, e tratada somente por engenhos grosseiros e pouco polidos, poderia mui asinha acontecer que a rudeza da materia traga consigo a V. A. alguma cousa nova e aprazivel, a qual ainda não seja chegada á sua noticia: portanto, ó invictissimo principe, me apercebi para escoldrilhar e metter a mão nesta costa da India, como na mais nobre e illustre de todas do universo, a qual dos portuguezes até o dia d'hoje por uns não compre-

(\*) Substituímos á antiga a moderna orthographia.

hendida e de outros mal considerada, estava tão brava e esquiva, que escacamente pude achar pessoa que no particular do mais trilhado della me soubesse dar certa informação; e na verdade esta sciencia, ou maneira de navegar está tão mal repartida pelos homens, que ou se põem em idiotas, os quaes por longo tempo e continuo exercicio alcançam muitas particularidades, posto que com todos seus trabalhos nunca chegam a ganhar auctoridade em seu officio, ou em pessoas que sem nenhuma experiencia, tendo muita copia de letras, e grande pratica na sciencia das mathematicas, alcançam a sombra desta arte, e não a verdadeira sciencia; logo, como diz Vitruvio, aquelles que em uma cousa e na outra aprenderam, como homens armados de todas as armas, mais asinha poderão alcançar com auctoridade aquillo que faz a seu caso e proposito. Ora sendo eu criado em sua real casa, onde a sciencia da cosmographia flôreceu que n'outra parte alguma desta redondeza que habitamos, e mandado por V. A. a investigar algumas obras secretas da natureza, instruindo-me primeiramente da theoria de seus altos e maravilhosos instrumentos, e depois da mecanica com que as considerações desejadas observasse; com isto juntamente havendo muitos annos que ando, ora pelejando com os ventos, ora defendendo-me dos mares, e ás vezes correndo as costas, e outras caminhando por grandes e espantosos pegos, parecendo-me que estava já honestamente apercebido das armas que convinham a esta ardua e embaraçada empresa, determinei, ó principe bemaventurado, a escrever o sitio desta ribeira-indiana com a cosmographia das terras que se comprehendem dentro de suas longas e cubiçosas praias, e de tudo isto fazer dois roteiros, os quaes posto que seu alto nome me pôz espiritos, e que do seu real paço trouxe a habilidade de que nelles me aproveitei, eu não tivera ousadia de lh'os offerecer: mas lembrou-me que nos campos africanos da grande e miseravel Carthago, jámais os ardentés raios do sol, nem as asperas e continuas corridas, podiam ser occasião que parecendo eu em sua real tenda, ainda com muita parte de suas virtuosas armas vestidas, me não praticasse qualquer proposição de cosmographia, no que se mostrava sua alta e benigna condição aos perseverados pensamentos que trazia de comprehender os caminhos por onde poderia melhor ganhar a terra africana; e com isto se ajuntou parecer-me que o entre-mêz e desvario da materia seria grande meio para V. A. ter de mim lembrança; pelo que pude comigo depôr a vergonha á parte e appresentar-lhe esta fraca e grosseira escriptura; assim como Zenocrates architecto, o qual chegando a conspecto do grande Alexandre vestido em uma pelle leonina, o desconcerto e novidade do trajo o poz em conhecimento e ganhar a graça do principe; e já pode ser que alguma hora V. A. enfadado de muita conversação de singulares e sapientissimos livros tome algum gosto de ver qualquer cousa destes roteiros, pela maneira que vemos acontecer nos manjares, que aborrecidos daquelles onde o gráu de maior estima e preço, vem a se desejar e saber bem as fructas que crescem pelos matos e logares silvestres. Mas como quer que a natureza nossa é fraca, confesso a V. A. que me dá muito cuidado o receio que tenho de trazer esta obra á luz, porque lembrando-me quanto me tem custado e quantas vezes estive mettido debaixo das bravas ondas por saber o fundo das barras, e para que parte endereçavão os canaes e entradas dos rios, surgidouros de portos, abrigo de enseadas, differença das agulhas, altura das cidades, e fazer taboas de cada logar e rio em que se contém mostra de terra, bai-

xos, restingas, rotas, e como se devem d'entrar; perdi muita parte da saude e disposição natural (\*); e que, premio destes trabalhos por umas pessoas inconsideradamente sem respeito algum nem experiencia, e por outras, e grande malicia e perversa condição ha de ser julgado, certamente que muitas vezes torno atraz, e me vem um certo estimulo de pôr esta obra em perpetuo desterro e esquecimento, e muito mais quando considero em quem será o juiz de suas calumnias, e minha innocencia, creio que o remedio de tamanhas controversias seja esfregar o rosto, e pedir a V. A., que por sua grande humanidade e clemencia queira aceitar esta obra por sua, porque desta maneira e não d'outra alguma poderá estar segura de a estragarem os lobos; e sou certo que o fará de boa vontade, porque nisto ganho eu muito, e V. A. perde assás. — *João de Castro.*»

Depois deste prologo passa D. João de Castro á Cosmographia e descripção do reino do Daquem — descripção da ilha e cidade de Gôa — entrada da barra; — e então segue-se:

— «Jesus Maria. Em nome da morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo começa o 2.º roteiro da costa da India, que se contem de Gôa até á grande cidade de Dio, e contar-se-ha nelle a viagem que fez D. Garcia de Noronha vice-rei em socorro desta cidade estando cercada dos turcos.

Caminho. Aos 21 dias de Novembro de 1538 partio o vice-rei da barra de Gôa, caminho de Dio; o vento era bonança e como noroeste, e a 26 de Novembro com toda sua armada surgio obra de meia legua ao mar dos ilheus queimados»

Continua o roteiro com a miuda descripção de toda a costa, tão miuda quanto elle indica em seu prologo. No logar competente, depois de Baçaim descreve o reino de Cambaia.

Chegaram a Diu a 8 de Fevereiro de 1539 e a 24 de Março partiu D. João de Castro «levando comsigo as reliquias da armada que ahi deixou o vice-rei.»

O roteiro termina do modo seguinte. — «A 29 de Março de 1539, amanhecendo eramos tanto avante como o rio de Tambora; todo o dia foi o vento noroeste galerno; fizemos o caminho costumado. Sol posto eramos tanto avante como o rio de Banda. De noite foi o vento bonança. Caminhando ao longo da ribeira á meia noite surgimos na barra de Goa, onde achámos o vice-rei com toda a armada. M. S. seja sempre louvado, onde se acabou nossa viagem e este livro.»

(Continúa.)

#### OS GIGANTES.

É OPINIÃO vulgar que nas primeiras idades do mundo os homens em geral possuíam em mais subido grau as forças physicas e eram de muito maior estatura do que presentemente: opinião que mostraremos ter vogado tanto nos antigos tempos, como nos actuaes. Plinio, o naturalista romano [lib. 7.º cap. 16] diz que a especie humana decrescia em altura corporea: se isto fosse verdade; diminuindo de então para cá, isto é ha mais de dezoito seculos que escreveu aquelle auctor, a que tamanho estariam os homens reduzidos? . . Tambem podemos citar Homero, muito mais antigo, que em seus poemas compara a degeneração dos seus contemporaneos com a robustez dos heroes da guerra troyana: com tudo este ti-

(\*) Este periodo está muito confuso, o que não admira, porque, nesses tempos, poucos attendiam á recta construcção das phrases. —

nha licença poetica para suppôr o que bem lhe parecesse.

Se examinar-mos os factos acharemos que o commum dos homens tem agora as mesmas dimensões corporaes, que tinham os primeiros habitantes da terra; porque se de alguns gigantes fazem menção as historias, sagrada e prophana, é sempre como de casos excepçionaes, dignos por isso de serem relatados, por excederem as ordinarias proporções do vulto humano. O caixão funerario mais antigo que se tem descoberto é o que foi achado dentro da pyramide grande do Egypto, e viu-se que esse sarcophago quasi que não excedia o tamanho dos caixões ordinarios, tendo apenas cousa de seis pés de comprimento. Observando-se a altura das momias, infere-se que o povo que ha dois ou tres mil annos habitou o Egypto não era superior em tamanho de corpo aos que hoje residem no mesmo paiz. Demais, todos os factos que podêmos colligir das antigas obras da arte, das peças de armaduras, como elmos e couraças, e dos edificios construidos para accommodação e morada de homens, concorrem a fortalecer as provas de quem sustenta que não tem havido neste ponto degeneração em a natureza. Tambem não decresceu em estatura o homem por effeitos da civilisação; porque os selvagens da America, d'Africa e da Australia, não são mais altos que nós.

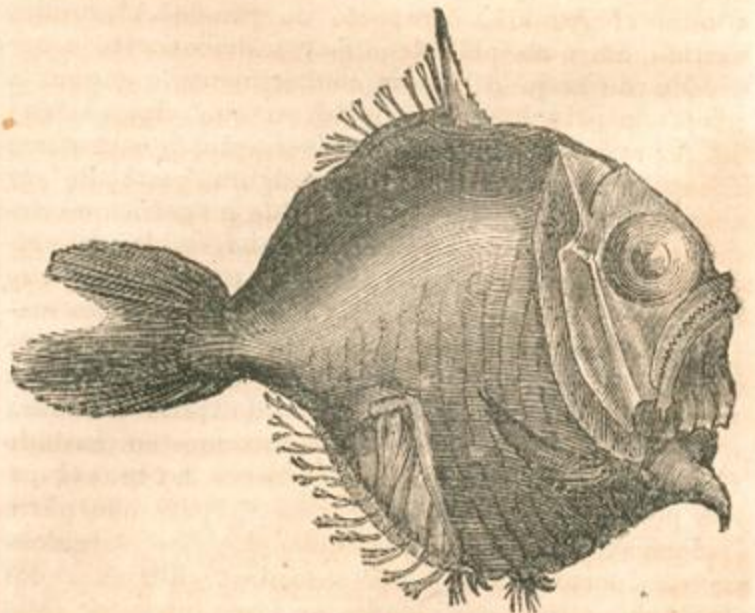
Não merecem attenção as fabulas do paganismo que alludem aos gigantes que fizeram guerra a Jupiter, e dos pigmeus que só tinham palmo e meio de altura, e andavam em continuada campanha contra as gralhas, que lhes assolavam as sementeiras. — Continuando a questão seriamente, vêmos que nos livros santos se falla de gigantes varias vezes; no Genesis cap. 6.<sup>o</sup>, Num. cap. 13.<sup>o</sup>: para explicar estas passagens temos duas rasões: primeira que a palavra hebraica *nephilim* não significa só gigante, mas tambem homem fero, monstro de impiedades e latrocinios: que onde expressamente se referem á estatura, por exemplo, mencionando-se Goliath contra quem combateu David, alem da fé devida á Biblia, acreditamos o facto historicamente; porque muitos casos se tem visto de singulares aberrações da natureza, quer para maior, quer para menor corpulencia, quer em difformidades, como as duas creanças que no Minho junto a Braga nasceram cada uma com duas cabeças, como testifica o chronista Fr. Bernardo de Brito (1), alem de outras raridades, que se notam nos museus de historia natural. Quando a Escripura, ou os historiadores dizem *gigantes*, não havemos entender homens do tamanho dos campanarios de Mafra. Cesar e Tacito apontaram os germanos como fortes e mui altos: e com effeito ainda hoje os homens de certas provincias d'Alemanha são de grande estatura. Pelos auctores antigos, como Vitruvio e Vegecio, achamos que estava assentado que a altura perfeita e regular devia ser de 72 pollegadas, typo este que exclue toda a idéa de gigantes. Apareceram em todas as epochas pessoas que sobrepujavam muito á medida commum; porem tornaremos a repeti-lo, eram excepções raras, que não destroem a regra permanente porque se mede a nossa especie. O patriarcha S. Bento, que dizem fôra de gentil presença, tinha mais de 80 pollegadas de alto, segundo se lê na *Benedictina Lusitana* no fim do 1.<sup>o</sup> tomo. — Querem muitos que o nosso primeiro monarcha fosse de grande estatura; o infante D. Pedro, auctor do *Nobiliario*, filho d'elrei D. Diniz, tinha onze palmos de alto, como se viu quando se trasladou de sepultura em 1634, achando-se-lhe inteira a ossada, no

(1) *Monarch.* part. 2.<sup>a</sup> liv. 6.<sup>o</sup> cap. 9.<sup>o</sup>

mosteiro de S. João de Tarouca, da ordem cisterciense. (2) Por uma veste conservada na real collegiada de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Oliveira em Guimarães, e que elrei D. João 1.<sup>o</sup> costumava trazer por baixo das armas, se avalia a corpulencia deste glorioso monarcha: elrei D. Pedro 2.<sup>o</sup> era forte, de gentil presença e bem apessoado; delle se conta que partia nas mãos uma ferradura de cavallo.—Se quizessemos citar maior numero de exemplos extenso fariamos o catalogo: não pômos outros que se poderiam adduzir sem comparação mais excessivos que os acima apontados, que nada tem de maravilhoso; porque estamos persuadidos que em muitos entrará grande força d'exaggeração.

A existencia de gigantes descommunes combateram alguns judiciosos escriptores nossos, como Gaspar dos Reis Franco no erudito livro latino, que intitulou: *Campo Elysio de amenas questões*; onde na questão 25.<sup>a</sup> resolve que nem nisto, nem no encurtar das vidas fez a natureza mudança com o lapso dos tempos. O cavalheiro Oliveira na mui rara collecção de suas cartas traz duas a este respeito, no tomo 1.<sup>o</sup>, e n'uma dellas, que é a segunda sobre a materia, diz o seguinte.—“ Já vos disse que não hei-de decidir se houve ou não houve gigantes, porem seguro-vos que estou persuadido a defender a parte affirmativa, assentando em que em todos os tempos houve e pôde haver semelhantes produções de corpulencias extraordinarias e monstruosas, sem que por isso me persuada, nem creia que os homens antigamente eram de ordinario mais agigantados do que nós. Não me lembra se no *Ente dilucidado*, que é um livro hespanhol, ou se em outro semelhante, é que encontrei a noticia de um caçador, que andando acavallo, entrou em uma caverna que não pôde atravessar em menos de 3 dias, e que examinando depois com attenção aquella longa concavidade achára que era o vacuo da canella de um gigante. Ha outras historias semelhantes feitas para creanças, porem escriptas por homens barbados, inimigos declarados da verdade, e prodigos do tempo que perderam em comporem e em inventarem semelhantes quimeras. Os homens ordinariamente foram sempre da mesma estatura que são agora, e em algumas occasiões se viram diversos gigantes, a que se deu esse nome pela monstruosidade de seus procedimentos, pela disforme grandeza de seus corpos, ou por ambas as circumstancias juntas a um tempo em uma mesma pessoa. Este é o meu fraco parecer.”

(2) Vide *Monarchia Lusitana* part. 5.<sup>a</sup> liv. 17.<sup>o</sup> cap. 3.<sup>o</sup> in fine.



STERNOPTIX CELEBES.

O OCEANO, que em si e em seus regulares movimentos é uma das obras assombrosas do Creador, abrange na sua vastidão grande copia de maravilhas, algumas das quaes se acham noticiadas em diferentes paginas do Panorama (\*). Na estampa de um peixe mui raro, tanto pela fórma, como por se encontrar em mares remotos e ainda nesses mui poucas vezes, verão os leitores uma dessas notaveis singularidades de organização, que os naturalistas teem investigado nos habitantes das aguas, e offerecem á nossa contemplação para admirarmos a infinita variedade com que o Omnipotente revestiu as creaturas.

Pelos annos de 1774 o professor Hermann, de Strasburgo, classificou o peixe de que tratamos, e que se acha nos mares das ilhas da India occidental em pequena quantidade; e applicou-lhe o nome de *sternoptix*, em razão das pregas ou dobras que se lhe divisam na cobertura externa, visinha da cabeça: o animal é osseo, pequeno em tamanho, truncado na parte anterior, achatando-se sempre em diminuição para a parte posterior; e distingue-se de outro mui semelhante, achado no mar dos Agores, e descripto por M. Olfers, pela circumstancia de apresentar um repartimento triangular e transparente na região da cauda. A especie que a nossa gravura representa é denominada *celebes*, porque a poucas milhas de distancia da costa das ilhas desse nome foi pescado um peixe destes por Mr. Kincaid, cirurgião da armada britannica, ainda não ha muito tempo. Temos por ora incompleto conhecimento desta tribu aquatica e suas especies: ignora-se se frequentam os bancos e parais, ou as aguas profundas: todavia observou-se que alguns peixes, parecidos com estes, nadavam junto ás raizes de arvores que as torrentes haviam despegado da costa, e mostravam provavelmente tê-las acompanhado, andando á babugem, desde os recifes de coral, que demoram ao largo, até perto das proximas praias. O individuo apanhado e descripto por Mr. Kincaid, parecia ter chegado ao seu natural crescimento, e não tinha mais de duas pollegadas e um quarto de comprimento, fóra o rabo, duas pollegadas d'altura, e meia pollegada escaça na maior altura.

#### O INFANTE SANTO.

[1437.]

##### I.

« Mercê de Deus! que já havemos vista da tão desejada e por tão bons votos pedida. Vedes-la, senhores e amigos? Aquella é Tangere. — Tangere que como Ceuta custará sem duvida abundante sangue de christãos, mas que tambem como Ceuta alcançará para o reino e para a Fé basta colheita de boa fama e nome honrado; não fallando nas vantagens que todos lhe conheceis como segunda chave, e talvez mais valioso baluarte desta Mauritania infiel! »

Assim dizia o infante D. Fernando saudando do alto da sua barca, e ainda de longe, a que tão ardentemente desejára ver de perto.

Aquella é Tangere — continuava elle sorrindo heroicamente — e d'ella e de vós, meus nobres caval-

(\*) Por exemplo as descripções e estampas do chetodon bicudo a pag. 213 do 2.º vol., da rêmora a pag. 173, e do peixe-martello a 180 do 3.º: sobre as marés, pag. 254 do mesmo, sobre a prodigiosa fecundidade dos peixes, pag. 343 dito; no vol. 1.º a noticia das esponjas pag. 222; no 2.º das perolas e sua pesca a pag. 90: a dos zoophytos a pag. 119, das alforrecas a pag. 140, e assim mais outros artigos d'instrução e recreio.

leiros d'Africa (1) e de Portugal, espero eu tudo. Vêde, vêde como as sculcas e atalaias do alto de seus cobellos dão rebate á cidade de que somos chegados. Vêde como se turvam e sobem, e descem para tornar a subir, ao alto de suas torres pasmados desta nossa tamanha ousadia. — Ferve no teu covil, ferve, enxame infiel, a tremer das nossas boas espadas christãs, encolhe-te de pavor ou ergue as mil cabeças com arrogancia; — pelo santo do meu nome que se Deus e a santa e milagrosa virgem da Victoria nos não desajudam breve faremos arvorar as quinas de Ourique no mais alto do teu castello pagão, e a cruz sagrada do Redemptor no mais elevado zimbório das mesquitas do teu falso e maldito propheta, que o bem-aventurado cavalleiro S. Jorge confunda no mais profundo dos abysmos. Ávante pois e á terra, senhores e amigos, e tu, D. Henrique, meu irmão d'alma, ávante pola Fé e Portugal. Aquella é Tangere. » —

Vogavam as barcas com remos forçados e as proas postas em terra, cortando ufanas as aguas do estreito, como aves n'um lago: voando para as praias, e o infante erguido magestosamente apontava a cidade como quem esperava ahi segar palmas de triumpho e lograr victorias de maravilha.

Ai! uma palma e uma victoria lhe tinha o céu reservado; mas que outra e diversa era ella!

Fizera o discurso do infante o effeito e impressão que em bons guerreadores costuma fazer um heroico fallar, mas longe estava uma e outro do entusiasmo buliçoso e ardente que dão a firme esperanza e funda convicção d'uma victoria provavel.

Era porque, se no coração de cada um dos bravos cavalleiros, que assim marchavam aos mouros, havia animo e esforço para tentar impossiveis, havia tambem no fundo de seus espiritos uma duvida cruel — melhor diremos, uma certeza da inutilidade de tão arriscada empreza. — Illudiam-se os infantes e embriagavam-se com as vantagens e gloria futuras; mas os guerreiros antigos e experimentados, os que tantas vezes haviam ceifado seus louros nas proprias entranhas mauritanas, esses não se illudiam.

Parece que as nações tem tambem, como os homens, seus periodos de molestia e seus males physicos. Como que a superabundancia de força e vitalidade tão perigosa é para os reinos como nociva para os corpos. Derrama-se em excrescencias exteriores, entumece-se á superficie, e grande parte de vida necessaria, extravasada e perdida, vai despejar-se e apodrecer contaminada pelos ares externos.

Tornára D. João o 1.º com a força da sua intelligencia, e com a prudencia e valor de seu braço, pacificos e abastados seus senhorios. Ás contendas intestinas e ás guerras estrangeiras dissera elle: — « basta » — e guerras e contendas cessaram como se o braço do Senhor as houvera enfreado. Fechados em sua mão poderosa os bandos e partidos que d'antes assolavam a boa terra portugueza, nem tinham ousado respirar. O reino crivado de bons soldados, e provido e abastecido de todas as cousas de guerra e de paz, brilhava com a flôr dos melhores e mais valerosos capitães d'aquelles tempos; mas o reino, á falta de combates interiores ou proximos, vomitára no solo africano o excesso de força que mal podia já supportar em seu seio. Ceuta foi tomada; para sustentar Ceuta fez-se do mar d'Africa uma veia de circulação entre Portugal e aquelle torrão abrazado.

(1) Muitos e bons fidalgos portuguezes foram a Africa tomar o grau de cavalleiros. Entre muitos outros no anno de 1435 D. Sancho de Noronha e varios outros o tinham recebido das mãos de D. Duarte de Menezes no proprio campo da batalha.

Apoz uma conquista sobreveio o desejo de conquistas novas. Todos queriam assignar o seu nome e provar a tèmpera de suas armas n'alguma boa empresa contra mouros. Excitaram-se as emulações; incendiaram-se os animos; o que a princípio fôra uma necessidade fez-se depois um delirio; e Portugal e os portuguezes foram correndo a precipitar-se nos areaes d'Africa por acharem já estreitos e acanhados os domínios de D. Affonso e D. Sancho.

Viera D. Duarte, e o rei virtuoso, que por ventura fôra modelo de reis alguns seculos mais tarde, não teve então nem espirito nem pulso para erguer os diques áquella torrente precipitada e caudalosa. Quebrantado em seu animo por soffrimentos e desgraças; murcho e gasto já o viço e flôr de seus primeiros annos deixou-se ir arrastado por ella, e, máu grado a todas as instancias de seus irmãos, D. Pedro e D. João, que de Castella o admoestavam com fortes e ponderosas razões a que fechasse seus portos a mais empresas importantes contra a mourisma; não valendo nem conselhos nem rogos do summo pontífice e mais principes da Europa, levado pela influencia da rainha sua esposa, cndescendeu emfim com o pedido dos infantes D. Henrique e D. Fernando, também irmãos seus, que todos inflammados no desejo de nome, e de estender o imperio da Fé, não viam outro meio que não fosse ir tingir com seu sangue os muros dos barbaros e degollar infieis para conversão d'infieis. Estranho, mas respeitavel absurdo — respeitavel porque vinha d'alma e da consciencia, e se era erro era-o de convicção profunda! Monumento indestructivel da idéa privada e quasi unica desses tempos que já lá vão, e do espirito influente que tanto pôde, predominando e arrebatando um seculo!

Viram todos com espanto o infatigavel e contemplativo D. Henrique abandonar os seus projectos de romper o caminho do novo mundo, desse oriente maravilhoso que tão brilhante lhe começava a despontar em seu meditado sonho. Viram-no interromper e abrir mão da sua tarefa de descobrimentos para longe — outro abysmo e talvez mais perigoso sorvedouro que Portugal por suas proprias mãos cavava. Viram D. Fernando, que pouco antes tentára alcançar d'elrei licença para sahir do reino, agora ardentemente apegado á guerra d'Africa sollicitar com vivo empenho a faculdade de ir a Tangere arriscar vida e liberdade. Viram-no e pasmaram. Mas os infantes alcançaram-a de seu irmão; e acompanhados com as invejas d'alguns, e com as lagrimas e votos de muitos, abalaram-se da barra de Lisboa seguidos por luzida companhia, se bem que diminuta para tal e tão temerario commettimento; todavia grande, esplendida, e, digamo-lo assim, luxuriosa para tempo tão cortado de calamidades, e reino áquella hora tão assolado pelo mais tremendo raio de Deus.

No dia 28 d'Agosto do anno de Christo 1437 aportára em Ceuta (2) a armada e largára em terra seis mil combatentes, á frente dos quaes figuravam principalmente D. Alvaro Vaz d'Almada, o futuro heroe da Alfarroubeira, que na cidade os aguardava, com D. Duarte de Menezes, digno filho do conde

(2) *Ceuta a Sebtah* dos arabes — a *Septum* ou *Septa* dos antigos — fica nas abas do monte Abyla, separada da Hespanha por um estreito apenas da largura de 5 leguas. E' cercada de valles quasi estereis por serem pela maior parte terrenos areentos e como calcinados. Junto da cidade ha varias encostas cubertas de vinhas. O monte Abyla, sobre as faldas do qual a cidade se alevanta, foi antigamente chamado os *septem fratres* por causa dos seus sete cimões; hoje os arabes chamam-lhe *Gab-el-Moura*. Do monte e da cidade fallava abundantemente Procopio no codigo theodosiano.

D. Pedro de Menezes, o bom governador e defensor de Ceuta; João Pereira, que tanto lustre devia de ganhar depois em Almeria; D. Fernando Coutinho; o conde d'Arrayolos; e D. Alvaro de Abreu, bispo de Evora, igualmente avesado a empunhar o baculo e a lança, e que tão bem escrevia em seus pergaminhos de theologias com a penna de lettrado, como em peitos de agarenos com a espada das batalhas; todos estremados e mui leaes batalhadores, e de todos chefes e capitães os dois esforçados infantes, que tão poderosos e tão fidalgos cavalleiros, assim juntos e associados, só de labios reaes poderiam receber ordens sem ciume. Alem destes eram os infantes acompanhados por copia de fieis servidores seus e d'elrei, generosos, decididos, e dotados de animo para tudo, mas das tropas que do reino se esperavam apenas metade se achavam, e essas pela maior parte inexperientes das guerras d'Africa. E d'este modo ia aquelle punhado de valentes a tantas leguas da patria pregar suas lanças, não nas portas d'uma cidade mas nas fronteiras de muitos reinos; marchava ao combate, não d'uma guarnição mas de cem exercitos que por todos os lados rebentariam das montanhas do seu paiz para os rodear em planicie rasa. Porque — e bem o sabiam os experimentados — a conquista de Tangere não importava o ataque de uma praça, posto que formosamente defendida e guardada, como tão importante posição que era, assim collocada á entrada do estreito: não era o ataque d'uma praça, repetimo-lo, não. Ao choque da primeira espada christã que naquelles plainos se cruzasse com um alfange infiel as mourarias desceriam todas em multidão em soccorro de seus irmãos da planicie e á defeza do avantajado posto. Não era Tangere que se erguia ameaçadora, eram provincias, reinos e imperios que se abalariam até ás raizes contra os atrevidos invasores; era a honra e o interesse de cada um, cmbebido na honra e interesse de todos, que em tudo e por toda a parte acharia e faria alevantar armas e braços, animos furiosos e alentos destemidos. Eram a gloria e brios nacionaes, tão poderosos em todos os paizes; eram os espiritos da religião, acordados, escandecidos; era emfim uma como grande cruzada pregada pelos seus alfaquices que se iam de mesquita em mesquita chamando o povo á oração e bradando-lhe: — « Guerra, guerra contra os de Christo! »

E isto, e talvez mais, bem o sabiam quantos apoz os dois chefes reaes se iam a tentar maior façanha do que a homens fôra permittido — bem o sabiam e talvez lá dentro de suas almas já estivesse escripto o futuro, mas eram portuguezes, portugueza a obra meditada, e para portuguezes a gloria daquelle feito, igualmente adquirida na victoria e na desfeita, que já para gloria bastava o arrojo da empresa; e como portuguezes não sentiram nem a palidez do susto descorar-lhes as faces tisonadas pelo sol dos combates, nem arrefecer-lhes um momento os fortes corações a sombra d'um receio.

As aréas abrazadas que lhes fugiam debaixo de seus pés deviam de servir de tumulo para muitos, muitos alli ficariam n'aquella chão ardente sem uma oração de amigo para bem de suas almas, sem lagrymas de parentes nem memorias da patria e dos seus, perdidos no meio das solidões profundas do infiel, calcados pelo pé do barbaro que lhes esmagará os ossos abandonados e passará talvez rindo e folgando de sua desventura, talvez cuspiendo-lhe para baixo com a boca maldita uma praga de infame. A imagem de agonia tão cruel, e tão desterrada sepultura, sem duvida passaria pela alma de todos, e outras mais pungentes ainda e mais ternas se lhe ajun-

tariam — os filhos em orphandade, as esposas viúvas, as amantes chorosas ou esquecidas, e quanto longe do solo natal costuma prender e attrahir; mas os fortes não duvidaram, pozeram o pensamento em Deus, e firmes e alentados por sua fé robusta, a ella se entregaram e á ventura. — Não ignoravam o risco; affrontavam-o com a consciencia limpa e o rosto sereno. — Eram martyres da sua convicção. — Honra e veneração áquelles homens rudes e de rude vontade, em memoria dos quaes ainda somos chamados portuguezes!

Honra e veneração!

Corriam os bellos dias de Setembro e era uma formosa manhã do despontar do outono. O sol batendo de chapa nas veigas profundas, que a espagos e frequentemente cortavam o terreno areento, alagava tudo de luz, reflectida com mil diversos accidentes, já empégando-se nas tiras cultivadas, já fazendo reluzir como espelhos os monticulos soltos d'arêa alvacenta, irregularmente espalhados por toda a superficie das cercanias da cidade. Os figueiraes bravios figuravam como ilhotas verdejantes no meio d'aquelle oceano de resplendores proximo de outro oceano sussurrante, e as oliveiras e amendoeiras disseminadas nos campos ondeavam seus cimos ainda viçosos á fresca aragem da manhã. Pouco distante a cidade, rasgando por mil partes o puro anil do céu com seus esguios curuceus, e as flechas agudas de suas cupulas bronzeadas e repintadas, similhava uma odalisca de harem real, mollemente reclinada nos amplos braços do deserto, descerrando os labios de rubins e mostrando os dentes de aljofares em sorriso voluptuoso; tanto era bella a infiel assim lançada no meio da rica vegetação africana e das formosuras d'aquelle primeiro dia do outono, quasi banhando os pés nas aguas azuladas do estreito: ou antes lhe chamáreis uma romaã entreaberta esquecida por acaso nas leiras de um horto bem desvellado, tanto eram ricas as gallas interiores e preciosos os particulares adornos com que, a dentro do seu pardo cinto de muralhas, se enfeitava a rainha louçã d'aquellas ermas extensões. — Alegrava-se a campina cortada em todos os sentidos por correntes e riachos que vinham lá do alto dos montes *Chebib* ou *Telliz* fertilisar os valles de Tangere e que ahí brilhavam nítidos e puros, como prantos em fio por faces de donzella saudosa.

As cidreiras e os limoeiros, tão celebrados naquellas paragens, ajuntavam sua natural fragancia á frescura e pureza dos ares no começar do dia, e as vinhas trepando pelas encostas temperavam com suas folhas amarelladas o vívido e cortante da verdura geral. Moderado pela viração da aurora ainda o sol d'Africa não fizera resaltar mil soes ardentes das areias torradas; ainda a natureza não emudecera abrazada e sequiosa. Era em fim a hora amena dos primeiros brilhos da terra africana, remoçada pelo orvalho matutino e pelo frescor da noite.

Desembarcára a hoste sem opposição e ao longo da costa se formára em batalha, parecendo no variegado das cotas, fraldões e toneletes; no reluzir dos elmos e almafres burnidos, no brilhar dos gibanetes e couraças curiosamente lustradas; e em fim no vistoso ondear dos penachos e gargotas, um como riquissimo manto bordado, matisado e recamado de pedrarias, estendido na praia a reflectir os primeiros raios do sol. Era com effeito um manto portuguez que pela vez primeira cubria o dorso das ribas agarenas, e dardejava mil reflexos de morte, direitos aos corações assustados dos crentes de Mafoma.

E era na verdade uma cousa maravilhosa e muito para ser vista, o admirar aquelles risonhos e se-

renos rostos dos baptisados, cerrados e unidos como um ponto brilhante, mas pequeno, na amplidão do solo infiel, aonde de traz de cada pedra, de cada tronco, de cada moita lhes sahiria um inimigo irado e despiedoso. Era grande pasmo o ver a chusma dos barbaros do alto de suas torres e eirados a estenderem olhos longos, ao passo que os corações lhes batiam descompassados, para aquellas poucas fileiras de christãos cubrindo apenas algumas geiras de terra, em quanto que a medonha cintura da anciada cidade se enroscava ameaçadoramente arripiada de muitos milhares de lanças e guerreiros. — Tamanho era então o brado deste nome que envilecemos, e a fama das façanhas de que hoje rimos como de cousa velha e de nenhum preço.

Fôra D. Fernando o ultimo a saltar em terra, occupado como estivera em dirigir o desembarque. Era só o que faltava a descer.

«Salve, salve ó terra da minha gloria!»

Disse elle calcando com a livre planta aquelle chão de escravos.

Um brado universal lhe respondeu. Era a primeira saudação ao solo desejado e á formosa manhã d'aquellas partes da mauritania.

«Salve, salve» disseram todos, voz em grita!

Mas não era enthusiasmo de victoria esperanzada, era viva expressão de fé vivissima!

(Continúa.)

#### PREPARAÇÃO DO TABACO.

CONTINUAMOS os extractos começados a pag. 246 em o n.º 222, em rasão da sua utilidade e exactidão, que nos é affiançada por pessoa conhecedora do Brasil, de suas ricas produções e modos praticos de as preparar para o commercio. Concluiremos este breve trabalho transcrevendo os cap. 4.º 5.º e 6.º

«Feita a corda do comprimento que quizerem, e enrodilhada em um pau, se desenrola cada dia, a saber pela manhã e á noite, e passa-se a outro pau, para que não arda; e na passagem se vai torcendo e apertando brandamente, para que fique bem ligada e dura. E tanto que ficar preta vira-se só uma vez cada dia: e como se vai aperfeiçãoando, se diminuem as viraduras, até ficar em estado que se possa recolher sem temor de que apodreça. E commummente este beneficio costuma durar quinze ou vinte dias, conforme vai o tempo, mais ou menos humido ou secco.

Segue-se atraz disto o que chamam ajuntar, que vem a ser pôr tres bollas de corda de tabaco em um pau, aonde fica até que chegue a tempo de enrolar. E entretanto guardam-se estas bollas no tendal, que é como um andaime alto, com seus regos embaixo para receberem a calda que botam de si as bollas; e esta se ajunta e guarda, para depois usar della, quando fôr tempo de enrolar.

O ultimo beneficio que se lhe faz é o seguinte: tempera-se a calda do mesmo tabaco com seus cheiros de herva doce, alfavaca e manteiga de porco, e quem faz manojos de encomenda, bota-lhe almiscar, ou ambar, se o tem: e por esta calda misturada com mel de assucar [quanto mais grosso melhor] se passa a mesma corda de tabaco uma vez, e logo se fazem os rolos do modo seguinte.

Para enrolar o tabaco dobram a corda já curada e melada, do comprimento de tres palmos, sobre uma estaca, não muito grossa e leve, que nas extremidades tem quatro taboasinhas: sobre as quaes dobrada e segurada d'uma á outra parte a dita corda, se vai enrolando até ao fim, puxando sempre

bem, e unindo uma dobra com outra, de sorte que não fique vão algum entre as dobras. E para que as cabeças fiquem sempre direitas, além das cruzetas que levam, lhes vão mettendo folhas de *uricurí* nos vãos, para que fiquem bem unidas com as dobras de dentro.

Acabado o rolo, se cobre primeiramente com folhas de *caravatá* seccas, amarradas com *embira*, e depois se lhe faz uma capa de couro da medida do rolo: a qual cozida e apertada muito bem, marca-se com a marca de seu dono. E desta sorte vão os rolos por terra em carros, e por mar em barcos, a serem despachados na alfandega, antes de se metterem nas naus. E cada rolo pesa commumente oito arrobas.

Vindo agora a fallar das pessoas que se occupam na fabrica e cultura do tabaco; ella é tal, que a todos dá que fazer; porque nella trabalham grandes e pequenos, homens e mulheres, feitores e servos. Mas nem todos servem para qualquer ministerio dos que acima ficam referidos. Para semear e plantar a folha, é necessario que seja pessoa que entenda disso, para que se guarde bem o modo, a direitura, a distancia, assim dos regos como das covas. O cavar as covas pertence aos que andam no serviço com enxada: os rapazes botam os pés da planta, a saber, um em cada uma das covas que ficam feitas. E o que planta aperta-lhe a terra ao pé, mais ou menos conforme a humidade della. Toda a gente se occupa em eatar a lagarta duas vezes no dia, a saber, pela madrugada e depois de estar o sol posto; porque de dia está debaixo da terra, e o signal de estar ahí é o achar-se alguma folha cortada de noite. Chegar-lhe a terra com enxada, é trabalho dos grandes. Capar a planta já crescida, isto é, tirar-lhe o olho ou grelo na ponta da hastea, é officio de negros mestres. *Desolhar*, que vem a ser tirar os outros olhos, que nascem entre cada folha e a hastea, fazem pequenos e grandes. Apanhar ou colher as folhas é de quem sabe conhecer quando é tempo, pelo signal que tem a folha aonde se pega com a hastea, que é o ser ahí de cor preta. Toda a gente de serviço se occupa em dependurar as folhas nos altos; e isto se faz commumente de noite. Pinicar ou espincar, que tudo é o mesmo, e vem a ser tirar o talo ás folhas do tabaco, é trabalho leve de pequenos e grandes. Torcer as folhas fazendo dellas a corda, encommenda-se a algum negro mestre: e o que anda com a roda ou engenho de torcer, hade ser negro robusto, e tambem botar a capa á corda, para que fique bem redonda, é obra de negro experimentado. Os rapazes dão ao torcedor as folhas, e tambem as capas ao que vai cubrindo com as melhores a corda: e o mesmo que bota as capas é o que enrola. O passar as cordas de um pau para outro pau corre por conta de dois negros, dos quaes um está no virador, e outro vai desandando a corda enrolada no pau. Os que viram, ou mudam a corda de um pau para outro pau, são negros mestres; e a cada virador são necessarios tres: um que largue a corda, outro que a colha, e outro que ande no virador. Ajuntar, que é pôr a corda de tres bolas em um pau, é obra dos negros mais dextros: e são tres e ás vezes quatro; porque não basta um só no virador, mas ha mister dois para que apertem bem a corda. Enrolar finalmente é occupação de bons officiaes, para que fique a obra segura.

Tudo o que está dito até aqui do tabaco que chamam da primeira folha, e vale o mesmo que o da primeira colheita, se hade entender tambem do da segunda e terceira folha, se a terra ajudar para tanto, e for para isso ajudada com o beneficio do tem-

po e do esterco. Por tanto tiradas as meias folhas, corta-se a hastea menos de um palmo sobre a terra, para que brotem as segundas: e crescendo ellas, se lhes tiram [como está dito acima] os olhos do tronco, e o capim dos regos: e o mesmo beneficio que se fez ás primeiras folhas, se faz ás da segunda colheita. E se a terra for forte, faz-se á terceira, e multiplicam-se os rolos.

O tabaco da primeira folha é o melhor, o mais forte, e o que mais dura: e este serve para o cachimbo, e para se mascar e pisar. O fraco para se mascar não serve, e só presta para se tomar no cachimbo. Os que o quizerem pisar hão de ajuntar ao melhor aquelles talos que se tiram das folhas, depois de estarem bem seccos: porque estes pisados com as folhas fazem ao tabaco forte e de boa cor. E para o tabaco em pó, o das alagoas de Pernambuco e dos campos da Cachoeira é o melhor.

Posto que a credulidade tenha alliança com a superstição, quando distinctas vai de uma a outra não pequena differença. Credulidade é uma crença illimitada, mas em cousas possiveis ainda que destituida de provas ou de uma tal ou qual probabilidade da certeza dos factos: superstição é uma crença em cousas que inteiramente repugnam ás leis do mundo physico e moral: por exemplo, se acreditarmos que certa planta inutil goza de propriedades medicinaes, que na verdade não tem, somos credulos; mas se crermos que trazendo conosco a raiz ou rama dessa ou de outra seremos invulneraveis; passâmos a ser completamente supersticiosos.

LEMOS em Plutarcho a seguinte anecdota. — Brásidas, sendo mordido asperamente por um rato pequeno, que apanhára, não pôde sustê-lo e deixou-o fugir: exclamou então: — Não ha creatura, por ignobil que pareça, que em se revestindo de coragem deixe de ter força para se livrar dos perigos!

HA UMA excepção das regras geraes da natureza, que se observa nas aves de rapina; isto é, que as femeas são maiores e mais fortes que os machos. E factos assentado por todos os naturalistas; e só poderá explicar-se admittindo que a Providencia assim o ordenaria a fim de que a mãe pudesse defender a prole contra a ferocidade do macho, quando a prolongada falta de alimento o instigasse a devorar os filhos. Sabe-se todavia que estes animaes passam muito tempo sem comer; Buffon cita uma aguia, que tomada n'um laço aturou quarenta dias vigorosa sem a menor nutrição. Procede isto da capacidade do papo, que está para o ventriculo na razão de 38 para 3. A aguia enche o papo; e vai successivamente dirigindo a comida, á proporção que esta vai passando do papo para o estomago.

O dono faz mais obra com os olhos que com as mãos. — Não vigiar os obreiros é pôr a bolça á discrição delles.

Causa mais perjuizos a falta de cuidado que a falta de saber.

Os meninos e os doidos pensam que vinte annos e vinte tostões nunca teem fim.

Quando a fonte está secca, então se conhece a valia da agua.

Quem vai pedir emprestado vai procurar uma mortificação.